
Videoclipes da América Latina: Contravisualidade, Resistência e Ressignificação Cultural¹

Yasmim Oliveira MAIA²

Paola Barros da SILVA³

Universidade Federal do Pará, PA, Belém

Resumo

Os videoclipes são considerados mais do que entretenimento, mas também veículos para transmitir mensagens políticas e sociais. A pesquisa analisa videoclipes selecionados, como "This is Not America", "Tierra" e "Reza Forte", sob a lente do pensamento decolonial, abordando a criação e disseminação de imagens para desafiar as estruturas dominantes de poder e questionar narrativas colonizadoras. O estudo destaca a influência de pensadores como Lélia González, Anibal Quijano e Nicholas Mirzoeff na análise. Propõe-se a valorização das vozes marginalizadas na produção e consumo de imagens, promovendo uma contravisualidade e ampliando perspectivas culturais latino-americanas. Esse processo visa a resistência, reflexão e resgate de identidade cultural, redefinindo narrativas além do olhar tradicional do colonizador.

Palavras-chave

Videoclipe; América Latina; Contravisualidade; Decolonialidade

Introdução

Os avanços tecnológicos, as transformações culturais e o surgimento de novos meios de comunicação, como a televisão e o rádio, influenciaram o nosso consumo e as diferentes linguagens artísticas presentes em nossa sociedade. É dentro desse cenário de convergência que nasceu o videoclipe, trazendo consigo uma poética desarmônica e experimental. Essa forma de expressão audiovisual é profundamente moldada pela videoarte, pelo cinema comercial, musical, experimental, bem como por diferentes movimentos artísticos, como a pop art e o surrealismo. Seu caráter híbrido, fragmentado

¹Trabalho apresentado no GP Pensamento Comunicacional e Cultural Latino-americano, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, na linha Memórias, Histórias e Educação em Artes, Bolsista Capes, email: yasmimomaia@gmail.com

³Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, na linha Pesquisa e Processos em Artes, Bolsista Capes, email: paola.barrosilva@gmail.com

e marcado por cortes rápidos, juntamente com a breve duração dos vídeos, imagens ilustrativas e a sincronização com o ritmo da música, resultaram na criação do videoclipe como um gênero distinto dentro do universo do audiovisual. Para Oliva Rodrigo:

O videoclipe nasce dentro de um contexto de desenvolvimento tecnológico ligado especialmente à televisão e à sinuosa linguagem videográfica. Fragmentado, experimental, abstrato, comercial, não narrativo são algumas das inúmeras modalidades de classificação de aspectos que o caracterizam. (OLIVA, 2017, p.23)

Ainda nesse viés, é mister ressaltar que o videoclipe, no seu início, funcionava apenas como uma ferramenta da indústria musical, ou seja, uma forma dos artistas divulgarem suas músicas. Em suma, uma artificialidade imagética que não exigia olhares tão atentos e que servia para se adequar ao mercado musical da época, mas é fundamental salientarmos que não é apenas uma forma de entretenimento ou publicidade, ele também é uma importante ferramenta para transmissões de mensagens que carregam questões políticas e sociais. Com o passar do tempo, essa linguagem ganhou ainda mais força, pois os videoclipes começaram a ser amplamente divulgados em diferentes meios de comunicação, como na internet e nas plataformas de streaming. Esse cenário facilita o acesso de pessoas de diferentes faixas etárias, o que torna esse estilo de vídeo altamente relevante, demonstrando que a sua influência em nossa sociedade é extremamente significativa e que precisa ser pensada e analisada de forma crítica.

Entendendo a importância desse gênero do audiovisual, o trabalho em questão é um recorte de uma pesquisa de mestrado que ainda está em desenvolvimento e que se propõe a analisar videoclipes da América Latina sob a perspectiva do pensamento decolonial do poder e da visualidade. A abordagem visa problematizar estruturas de poder, questionar narrativas hegemônicas presentes nos vídeos e demonstrar como vêm sendo exploradas as novas possibilidades, culturais e identitárias. Os videoclipes selecionados para análise são "This is Not America" de Residente, Ybeyi (2022), "Tierra" de Bomba Estéreo (2022) e "Reza Forte" de Baiana System (2021). Para embasar as reflexões sobre as imagens presentes nos videoclipes, nos apoiamos nas teorias de pensadores como Lélia González, que aborda o feminismo e a cultura negra no Brasil, Aníbal Quijano, que fala sobre a colonialidade do poder, e Nicholas Mirzoeff,

que enfatiza o direito de olhar e a importância da contravisualidade. A partir dessas bases teóricas, o estudo busca evidenciar como os videoclipes escolhidos celebram as identidades latino-americanas, desafiando estereótipos e reivindicando voz e autonomia, além de problematizar o conceito de América Latina e suas implicações históricas.

América Latina: Contextos Culturais e Identitários

Há muitos anos atrás, especificamente antes de 1492, a região que hoje conhecemos como América Latina, era identificada com diferentes nomes pelos seus povos originários. Tawantisuyu era como se chamava a região andina, Anahuac era o vale do México e Abya-Yala é o que atualmente chamamos de América Central. Isso porque, o mundo era dividido em apenas três partes: Europa, Ásia e África. Os habitantes dessas três regiões só conheciam a si mesmos e não tinham ideia que existiam outros povos para além dessas dimensões. Segundo Walter Mignolo, importante teórico decolonial:

"Los pobladores originarios no conocian la extension de lo que luego se denornino 'América'. En Europa, Asia y Africa nadie sabía de la existencia del territorio que se llamaba Indias Occidentales y más adelante América, ni de los pueblos que lo habitaban, que luego serían conocidos como indios. América cayó del ciclo -literalmente hablando- que Américo Vespucio estaba observando cuando descubrió que las estrellas que veía desde el sur del Brasil de hoy en día no eran las mismas que solía ver desde el Mediterráneo. Lo confuso del asunto es que una vez que el continente recibió el nombre de América en el siglo XVI y que América Latina fue denominada así en el siglo XIX, fue como si esos nombres siempre hubiesen existido." (Mignolo, 2007,p.28)

Silvio Almeida, 15.º Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, nos fala que as características predominantes para uma das conceituações sobre ser latino-americano estão além dos aspectos territoriais que demarcam geograficamente esse “território”.

"Ainda é comum a ideia de que o países de língua espanhola serem mais latinos justamente pela américa latina ser associada a colonização espanhola (...) A América Latina possui processos de colonização semelhantes, mas com colonizadores diferentes. Essa referência acaba formando uma ideia limitante em relação à própria

identidade coletiva (...) O que define a América Latina é justamente a luta política dos povos que se definem como latino-americanos a fim de resistir a todas as mazelas históricas a que foram submetidos." (Silvio Almeida. Soy loco por ti, AMERICA [vídeo online]. Canal Silvio Almeida, 10 de janeiro de 2023. transcrição nossa)

Assim, os países que compõem esse continente são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai, Venezuela e Porto Rico

A história da colonização da América Latina é complexa e marcada pela tomada de territórios, subjugação de culturas e pela extrema violência das nações europeias colonizadoras. Sendo assim, os povos nativos foram colonizados, submetidos a sistemas de exploração, perda de identidade e imposições de crenças e valores europeus. Essa realidade resultou na extinção de línguas, rituais, conhecimentos tradicionais e estabeleceu uma hierarquia de poder que marginalizou os povos originários destas terras além de estabelecer um sistema violento de tráfico de pessoas africanas, tomadas como objetos de suas terras e escravizadas em outros locais cuja língua, costume e clima muitas vezes eram completamente diferente de seus lugares de nascença. Toda essa supressão e exploração moldaram as dinâmicas econômicas e sociais da região, mas também estabeleceram uma mentalidade na qual os povos subjogados foram vistos como inferiores e atrasados perante as metrópoles e o restante do mundo. Um verdadeiro programa político cultural de genocídio que atualmente ainda encontra-se em curso.

Essa estrutura dominadora estabelecida na América Latina foi conceituada de Colonialidade do Poder pelo sociólogo e pensador peruano Aníbal Quijano. Quijano argumentou que o processo de colonização foi muito além de uma exploração econômica e territorial, envolveu também uma imposição social e cultural, uma hierarquia baseada em características raciais e culturais, onde os povos indígenas e africanos foram considerados inferiores aos colonizadores europeus. É importante salientar que o conceito de colonialidade não está restrito a época da colonização, ele permanece até hoje, moldando as dinâmicas sociais, culturais e políticas das regiões que constituem a América Latina. Assim:

“La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial / étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder, y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia cotidiana y a escala social. Se origina y mundializa a partir de América. Con la constitución de América (Latina)², en el mismo momento y en el mismo movimiento histórico, el emergente poder capitalista se hace mundial, sus centros hegemónicos se localizan en las zonas situadas sobre el Atlántico –que después se identificarán como Europa–, y como ejes centrales de su nuevo patrón de dominación se establecen también la colonialidad y la modernidad. En otras palabras: con América (Latina) el capitalismo se hace mundial, eurocentrado y la colonialidad y la modernidad se instalan, hasta hoy, como los ejes constitutivos de este específico patrón de poder” (Quijano, 2020, p.326)

A partir dessa fala de Quijano, notamos que o tipo de colonização praticada na América Latina foi fundamental para a noção de identidade dos povos dessa região. Ao analisar as estratégias de exploração desses povos e territórios também percebemos que o racismo desempenhou um papel central na internalização da percepção de superioridade do colonizador pelos colonizados. Sobre esse racismo, a antropóloga e filósofa brasileira Lélia González, caracteriza como racismo disfarçado ou racismo denegação:

“Aqui, prevalecem as “teorias” da miscigenação, da assimilação e da “democracia racial”. A chamada América Latina, que, na verdade, é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa, apresenta-se como o melhor exemplo de racismo por denegação. Sobretudo nos países de colonização luso-espanhola, onde as pouquíssimas exceções (como a Nicarágua e o seu Estatuto de Autonomia de las Regiones de la Costa Atlántica) confirmam a regra. Por isso mesmo, creio ser importante voltar o nosso olhar para a formação histórica dos países ibéricos” (González, 2020, p.118)

É importante salientar que apesar de todos os esforços coloniais para subjugar e dividir esses povos, eles encontraram formas de resistência para preservar suas tradições, conhecimentos e línguas. Fizeram revoltas, movimentos de independência, transmitiram suas histórias oralmente, protegeram suas práticas culinárias, rituais, e buscaram propagar as suas musicalidades. Essa luta e resistência permanece até hoje com a criação de filmes, séries, vídeos, artes, músicas e imagens que confrontam o

olhar eurocêntrico e que reivindicam os seus espaços e uma voz própria perante as estruturas de poder historicamente impostas.

Tendo em mente as características que os unem e definem os países latino-americanos, como os costumes e as culturas, nos perguntamos: com base em que olhar as suas histórias foram escritas? E a resposta é: a partir de um olhar das narrativas dominantes, que discriminam e silenciam o que é considerado inferior, inapto e diferente. Para romper com esse olhar e com a narrativa eurocêntrica, é necessário criar novas imagens, já que são elas que ajudam os sujeitos a se identificarem e se posicionarem nas sociedades.

Desobediência às ordens de sua excelência que podem nos destruir: Videoclipes como ferramentas de resistência

O teórico cultural e professor Nicholas Mirzoeff apresenta na sua obra *“The Right To Look, A Counterhistory Of Visuality”* o conceito de visualidade como a capacidade de ver algo (sentido biológico), mas também engloba práticas visuais (sentido de produção, do fazer), incluindo a produção, circulação e consumo de imagens. Para Mirzoeff (2011), a visualidade é um processo socialmente construído, influenciado diretamente por relações de poder, ideologias e estruturas sociais. Por conta disso, a visualidade molda as percepções, constrói significados e produz desigualdades sociais.

É fundamental ressaltar que o autor enfatiza que a visualidade não está somente nas imagens fixas, como fotografias ou pinturas, a visualidade também está na publicidade, nos filmes e nos vídeos. Ao expor tal ideia, o professor trabalha o "direito ao olhar", que é baseado no entendimento de que é necessário valorizar e reconhecer as vozes dos povos marginalizados na produção e no consumo de imagens, criando uma contranarrativa ou o que ele chama de contravisualidade, um conceito que contesta práticas hegemônicas de visualidade e abre caminho para a ação de um olhar que questiona e que busca retratar outras realidades, colocando outros protagonistas das histórias que são contadas nos livros. Sobre isso, Mirzoeff diz:

“The right to look claims autonomy from this authority, refuses to be segregated, and spontaneously invents new forms. It is not a right for declarations of humans rights , or for advocacy, but a claim of the right to the real as the key to a democratic politics. That politics is not messianic or to come, but has a persistente genealogy that is explored in this book, from the opposition to slavery of all kinds to anticolonial, anti-imperial, and anti fascist politics. Claiming the right to look has come to mean moving past such oppositional undoing toward and autonomy based on one of its first principles: “the right to existence”⁴ (Mirzoeff, 2011, p.25).

Perante o exposto, percebemos que as imagens construídas a partir do conceito de contravisualidade contestam as narrativas hegemônicas e permitem o reposicionamento dos sujeitos e das histórias que foram apagadas ou que por muito tempo foram invisíveis em nossa sociedade.

O primeiro videoclipe que escolhemos para exemplificar como a contravisualidade possibilita mostrar a verdadeira América Latina é “This Is Not America” do rapper porto-riquenho Residente, em parceria com o duo franco-cubano Ibeyi. Com quatro minutos e nove segundos de duração, a obra apresenta cenas que fazem referência a quase todos os países que compõem essa região, imagens que não são retratadas nos livros de histórias, que tiveram sua essência distorcida ou que são ocultadas pela mídia. Ele coloca no centro da narrativa a luta dos povos latino-americanos frente à opressão estadunidense, faz referência à destruição de terras indígenas pelo agronegócio durante os quatro anos de governo do ex Presidente Bolsonaro e também faz homenagem a grupos revolucionários latino-americanos, esses acontecimentos são acompanhados de uma letra de protesto que nos convida a romper com o lugar de subalternidade “Aquí estamos, siempre estamos, no nos fuimos, no nos vamos. Aquí estamos para que te recuerde, si quieres mi machete, él te muerde”⁵

⁴ O direito de olhar reivindica autonomia dessa autoridade, se recusa a ser segregado e inventa espontaneamente novas normas. Não é um direito de declarações dos direitos humanos ou de defesa, mas uma reivindicação ao direito ao real como a chave para uma política democrática. Essa política não é messiânica ou por vir, mas tem uma genealogia persistente que é explorada neste livro, desde a oposição à escravidão de todos os tipos até a política anticolonial, anti-imperial e antifascista. Reivindicar o direito de olhar passou a significar passar por essa ruína oposição espontânea em direção a uma autonomia baseada em um de seus primeiros princípios: “o direito à existência”. Tradução nossa

⁵ Aquí estamos, sempre estamos. Não fomos embora, não vamos embora. Aquí estamos para te lembrar, se quiser minha machete, ela te morde.

No começo do obra vemos uma mulher dando alguns tiros para cima, a cena é uma menção a ação liderada, no dia 1 de março de 1954, pela nacionalista porto-riquenha Lolita Lébron⁶, em frente ao congresso dos Estados Unidos. O objetivo era chamar a atenção para a luta pela independência de Porto Rico. Essa imagem mostra que a contravisualidade destaca e gera identificação das vozes marginalizadas. O videoclipe também ressalta as identidades latino-americanas, celebra os costumes desses povos e coloca os indígenas em destaque.

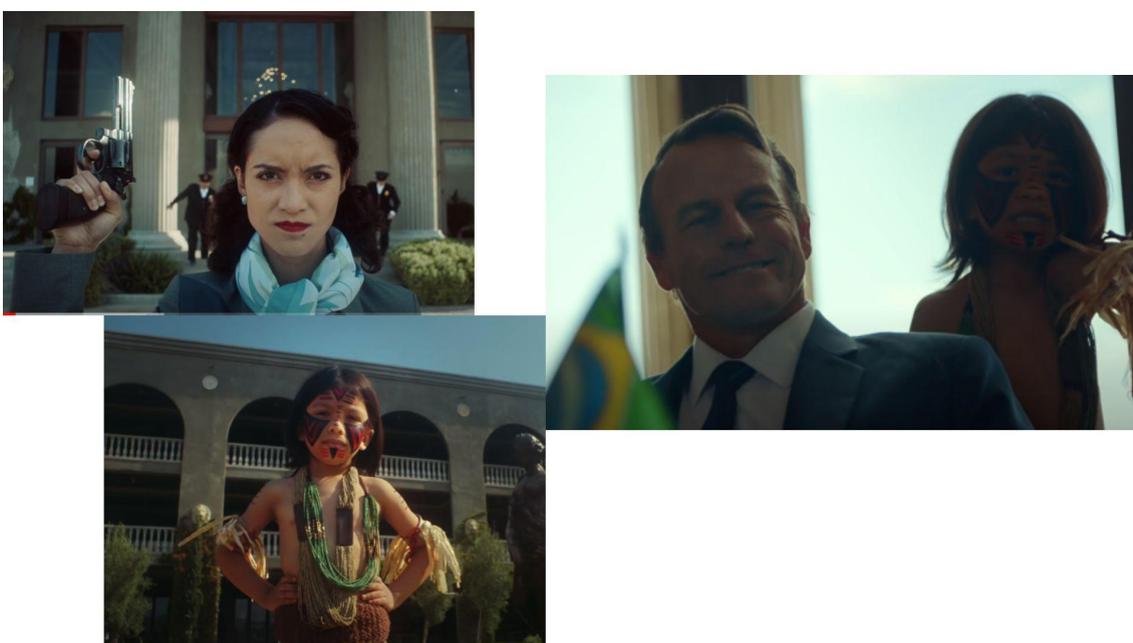


Imagem 1 - Prints do clipe "This Is Not America" do rapper porto-riquenho Residente. Fonte: Youtube

O grupo colombiano Bomba Estéreo contesta as visualidades eurocêntricas, denuncia a exploração dos povos latino-americanos e homenageia a sua cultura com o clipe "Tierra", estrelado por Lukas Avendaño, um artista-performance indígena não binário zapoteca⁷. As imagens são guiadas por uma batida contagiante e por uma letra que fala sobre o cuidado e a preservação com o meio ambiente, este recurso que é uma marca dos países latino-americanos e que foi tão agredido pelos antigos colonizadores e também pelos contemporâneos, como os Estados Unidos.

⁶ Líder e ativista que defendia a independência de Porto Rico

⁷ Zapoteca foi uma civilização pré-colombiana indígena que viveu no Vale de Oaxaca

“Tierra” funciona como uma homenagem à relação dos povos antigos com o meio ambiente. Nos versos “El pulmón de la tierra, corazón del mundo/Una patria dormida que ya despertó/Nos queda la sonrisa, escribir nuestra historia/Puede ser distinta, puede ser mejor⁸”, Bomba Estéreo canta sobre uma América Latina livre e reverencia as culturas indígenas e afro-americanas.



Imagem 2 - Prints do clipe "Tierra" do grupo Bomba Estéreo. Fonte: Youtube

Por último, trazemos o videoclipe “Reza Forte”, faixa presente no álbum OXEAXEAEXU, lançado em 2021, do grupo brasileiro Baiana System em parceria com o cantor de hip hop BNegão. Ao colocar um batalhão de soldados chegando em um barco em terras desconhecidas por eles e também ao nos mostrar um grupo de indígenas se deparando e confrontando estes soldados, e que após um breve conflito estes indígenas saem vencedores, o grupo coloca sob uma nova perspectiva às narrativas que foram contadas nos livros de histórias, reposicionando os colonizadores como violentos e os colonizados como os verdadeiros donos de suas terras.

⁸ O pulmão da terra, coração do mundo. Um país adormecido que já despertou. Podemos sorrir, escrever nossa história. Pode ser diferente, pode ser melhor.



Imagem 3 - Prints do clipe "Reza Forte" do grupo Baiana System. Fonte: Youtube

Ao mesmo tempo, o videoclipe também mostra recortes da capoeira, candomblé, a pesca, paisagens típicas do Brasil e outros aspectos que estão na base da cultura brasileira. “Reza Forte” é um grito pelo respeito à ancestralidade e pelo respeito ao nosso povo.

Considerações Finais

Em um cenário de constantes evoluções culturais e tecnológicas, o videoclipe emerge como uma potente ferramenta que transcende sua origem meramente comercial. O alcance global desse gênero do audiovisual o torna uma plataforma influente para a transmissão de mensagens políticas, sociais e identitárias. Enraizado em um contexto de interseções culturais e híbridas, o videoclipe confronta narrativas hegemônicas e eurocêntricas, promovendo uma contravisualidade que reivindica a verdadeira voz dos povos latino-americanos.

Esse levante contravisualidade que objetiva a criação e recriação de imagens para o nosso arcabouço visual e afetivo, é um importante trabalho desenvolvido por inúmeros artistas da contemporaneidade. Como conclui Rosana Paulino, artista-pesquisadora que tem como principal tema de sua produção poética a retomada de narrativa pelos povos afro brasileiros da diáspora

"Uma coisa muito interessante que nós podemos ver não só no meu caso, mas no de muitos outros artistas contemporâneos brasileiros e outros da diáspora (...) é que é um rever a história, é um olhar para a história e trazer novas narrativas. Narrativas daqueles que ficaram de fora. Isso é extremamente importante porque é memória, mas é historiografia no sentido de rever uma historiografia oficial. De contar uma história através de sua própria realidade. (...) É muito importante que a gente pense que os artistas estão trabalhando no sentido de uma revisão. (...) Então é extremamente importante que nós tenhamos uma reavaliação dessa história na construção de uma nova memória, porque memória seja ela pessoal ou coletiva, elas se entrecruzam o tempo todo então é necessário que a arte se debruce sobre isso, e a produção artística se debruce sobre isso, sobre essa memória ou mesmo sobre a memória artística do país" (Rosana Paulino, transcrição nossa. minuto 32:20 - 23:22.)

A análise dos clipes como "This Is Not America", "Tierra" e "Reza Forte" revela um movimento de resistência que celebra a identidade, denuncia o colonialismo e a opressão. Ao desafiar as representações tradicionais esses videoclipes não apenas recontam histórias, mas também reconfiguram o olhar sobre a América Latina, resgatando tradições, culturas e narrativas que foram sistematicamente marginalizadas. Por meio do poder da visualidade e da contravisualidade, os videoclipes emergem como manifestações artísticas e culturais que redefinem a própria essência do continente, refletindo a luta constante pela autonomia, identidade e justiça. Assim, ao pensar sobre essa intersecção entre música, imagens e identidade, os videoclipes se estabelecem como um espaço crucial de resistência e empoderamento da história latino-americana.

Referências

ALMEIDA, S. Soy loco por ti, AMERICA [vídeo online]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KfhyZn7Xr-o>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CAVERO, G.; DANILO; QUIJANO, A. Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. [s.l.: s.n.].

GALEANO, E. As veias abertas da America Latina. Porto Alegre (Rs): L & Pm Pocket, 2010.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

MIGNOLO, W. La idea de América Latina. [s.l.: s.n.].

MIRZOEFF, Nicholas. Right to Look : A Counterhistory of Visuality. Durham, NC, USA: Duke University Press, 2011. ProQuest ebrary. Web. 13 December 2014.

OLIVA, Rodrigo. Interconexões de Poéticas Audiovisuais: Transcineclipe, Transclipecine e Hiperestilização. [s.l.] Appris Editora e Livraria Eireli - ME, 2017.

Memória e História: Imaginários a contrapelo com Rosana Paulino e Henrique Fontes. SESC SP. 1:34:17. YOUTUBE. 16 de Set. de 2019. Acesso em: 15 de ago. 2023.

BAIANA SYSTEM. Reza Forte. 2021. Videoclipe. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m_YuGaaUuWU>. Acesso em: 12 ago. 2023

BOMBA ESTÉREO. Tierra. 2022. Videoclipe. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gFPxRdRYkG4>. Acesso em: 12 ago. 2023.

RESIDENTE. This is Not America. 2022. Videoclipe. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY>>. Acesso em: 12 ago. 2023.



